

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
4º SEMESTRE/2004  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA AMÉRICA III  
PROFESSOR: NORBERTO FERRERAS  
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

## A REVOLUÇÃO MEXICANA

“Antes da tempestade vem a calmaria”, é o que diz um ditado popular. Se revolução social é sinônimo de tempestade, até 1909, no México, não havia nenhum sinal empírico da sua chegada. O tempo era de sol claro com poucas possibilidades de chuva, segundo os meteorologistas.<sup>1</sup>

Mas ela veio...

Tentarei, neste breve trabalho, avaliar os “estragos” causados por esta fantástica tempestade histórica e – sobretudo – suas conseqüências para a história do México e de toda a nossa América Latina.

### ANTECEDENTES<sup>2</sup>

Considero como “antecedentes” o governo ditatorial de Porfirio Díaz (1877-1911), período em que: 1) o desenvolvimento acelerado das forças produtivas altera brutalmente as relações sociais de produção<sup>3</sup>; 2) o capital estrangeiro passa a desfrutar de muitos

---

<sup>1</sup> “Ela não era esperada. O hábito da paz era mais forte que a evidência de mudança. *El Imparcial*, o primeiro jornal industrial do México e ele próprio um símbolo da enorme transformação sofrida pelo país, garantia a seus leitores em 1909: ‘Uma revolução no México é impossível’. Karl Bunz, o enviado alemão, escreveu a seu governo em 17 de setembro daquele mesmo ano: ‘Acredito, assim como a imprensa e a opinião pública, que uma revolução geral é absolutamente impossível’. Andrew Carnegie, magnata norte-americano do aço, depois de uma visita ao país em 1910, ficou com a seguinte impressão sobre o futuro do país: ‘Em todos os cantos da República reina uma invejável paz’. O poeta espanhol Julio Sesto acrescentou sua própria convicção meteorológica: ‘Não há qualquer nuvem negra no horizonte’”. Camín, Héctor Aguilar e Meyer, Lorenzo; *A SOMBRA DA REVOLUÇÃO MEXICANA – HISTÓRIA MEXICANA CONTEMPORÂNEA, 1910-1989*; EDUSP; 2000; p. 13.

<sup>2</sup> Em história é sempre um problema definir precisamente os antecedentes de qualquer “tempestade”. O problema é o seguinte: o passado, na verdade, nunca passa, nunca “abandona” completamente o presente (e o futuro); está sempre presente no presente. Portanto, “cortar” cronologicamente um processo histórico deve ter mesmo aquele sentido que se dá a qualquer corte em geral: o de ferir alguma coisa. Em nosso caso, agredir a compreensão global da história enquanto processo. Passado, presente, futuro, a meu ver, são abstrações. Vejo a história como uma totalidade em movimento. Nestas condições, os antecedentes da Revolução Mexicana, a rigor, nos levariam a dez mil anos atrás. “*Los <objetos> no son propriamente objetos, o cosas aparte, sino <momentos> del todo, según Hegel, y considerados puramente em sí mismos, aislados, son <falsos>*”. “*La verdad es el todo [Hegel]*”. HIRSCHBERGER, J. (tradução espanhola); *De Descartes ao Idealismo*, Frankfurt, Universität Goethe, 1954, p. 227.

<sup>3</sup> “Mas o país havia mudado. Nas décadas precedentes, ele havia adotado mais inovações do que as que poderiam ser assimiladas (grifo meu) por uma sociedade como a mexicana na virada do século (...). O México viveu uma reestruturação produtiva nos trinta anos que antecederam a Revolução de 1910, que consolidou sua fronteira setentrional – uma região crítica tendo em vista a expansão norte-americana – e definiu sua incorporação no mercado mundial. Em conseqüência dessa mudança, o investimento estrangeiro cresceu de 110 milhões de pesos, em 1884, para 3,4 bilhões em 1910. Um terço dessa injeção de recursos alimentou a maior revolução tecnológica (grifo meu) do México porfiriano: a construção de quase 20 mil quilômetros de ferrovias. Um quarto do investimento estrangeiro foi para a mineração, que teve sua

favorecimentos, com concessões de toda ordem e em diversos setores (ferrovias, portos, sistema bancário, mineração, obras públicas, etc.) e pesados investimentos na agricultura de exportação; 3) quantidade importante de terras indígenas são confiscadas e incorporadas à grande propriedade; 4) se verifica um constante aumento da repressão sobre os setores descontentes (sobretudo operários e indígenas); e 5) há a combinação explosiva de crescimento populacional<sup>4</sup> e um aumento significativo da concentração de renda e da miséria popular no final do período porfiriano.

É indiscutível a afirmação de que a Revolução Mexicana não foi produto de uma estagnação econômica, daquelas em que a sociedade regride a uma economia de subsistência, por exemplo. Podemos até dizer que foi justamente o contrário. Mas discordo de quem atribui apenas a uma certa “desordem” provocada por este desenvolvimento econômico a causa fundamental da Revolução. É impossível não ver a miséria, por exemplo, provocada pela apropriação das terras camponesas, empurrando amplos setores da sociedade mexicana para o centro da tempestade revolucionária.<sup>5</sup>

Porfírio Dias tinha um projeto liberal mais econômico do que político. No campo econômico, não podemos afirmar que representasse especificamente um determinado setor da classe dominante mexicana. Aglutinava, digamos, os interesses de toda a classe dominante<sup>6</sup>. Como economicamente liberal, sua política convertia as terras, a força de trabalho e os serviços em mercadoria. Projeto liberal, no plano econômico, é quase o mesmo que dizer “projeto de desenvolvimento capitalista”. Restaria aqui, como questão posta, saber como via Porfírio Díaz o desenvolvimento capitalista mexicano e sua relação com o avanço norte-americano sobre a América Latina. Ao que tudo indica, era favorável a um capitalismo associado e dependente, a julgar pelos privilégios concedidos ao capital estrangeiro.<sup>7</sup>

Como sabemos, historicamente, o avanço do capitalismo no campo produz a concentração da propriedade da terra e a conseqüente marginalização do campesinato, ainda que temporária. No caso específico da América Latina, neste período, duas eram as singularidades. A primeira é que a marginalização do campesinato provocava o “êxodo rural” (até aqui, nada de novo) mas, por extensão, uma urbanização não acompanhada de um processo de industrialização capaz de absorver ao menos uma parte importante destes contingentes sobrantes. A segunda, a conversão das terras absorvidas pela grande propriedade, até então destinadas a produção de alimentos para o consumo interno, em produtoras de mercadorias voltadas para o consumo externo (agricultura de exportação).

---

produção multiplicada de 40 milhões de pesos, em 1893, para quatro vezes mais em 1906”. Camín, Héctor Aguilar e Meyer, Lorenzo; op. cit.; pp. 13, 14.

<sup>4</sup> No período porfiriano há um forte crescimento demográfico, resultado de políticas educativas, da vacinação pública e gratuita, etc. Opera-se a transição de um regime demográfico de altas taxas de natalidade com altas taxas de mortalidade, para um regime de altas taxas de natalidade com baixas taxas de mortalidade. Quase 70% da população é agrícola. (Anotação colhida em sala de aula).

<sup>5</sup> “Estas são algumas cifras do progresso porfiriano. É necessário ressaltá-las para lembrar que a revolução desencadeada por Madero não foi filha da miséria e da estagnação (grifo meu), e sim da desordem provocada pela expansão e mudança”. Idem, p. 15. Na página seguinte, os autores vão se contradizer, ao escreverem que “a modernização agrícola consolidou um setor extraordinariamente dinâmico, mas contribuiu para a destruição da economia camponesa, usurpou os direitos das aldeias e comunidades rurais, atirando seus habitantes à inclemência do mercado, da fome, da peonagem e da migração”.

<sup>6</sup> Comentário colhido em sala de aula.

<sup>7</sup> Aglutinar o interesse de toda a classe dominante não é a mesma coisa que estar acima dos interesses de todas as frações da classe dominante. Vejo Porfírio Díaz defendendo os interesses de um setor hegemônico da classe dominante: aquele ligado à economia primária de exportação. Representa, portando, o “latifúndio” que naquela altura estreitava seus laços com o jovem imperialismo (neocolonialismo) em detrimento dos interesses “nacionais”. Oligarquia, latifúndio, Porfírio são representações de um mesmo projeto, vale dizer, entreguista, do ponto de vista dos setores subalternos, oprimidos e marginalizados da sociedade mexicana.

Daí as constantes crises de abastecimento e o “avanço” da fome popular. No México, os estragos provocados pelo capitalismo no campo explicariam o porquê de a Revolução Mexicana ter partido do campo para a cidade, e não o contrário.<sup>8</sup>

No centro e no sul do país, predominava no campo as comunidades de aldeias auto-suficientes (propriedade coletiva). Já no norte, dominava a pequena propriedade privada dos camponeses sobre a terra. O avanço do capitalismo nestas áreas distintas produzirá resultados diversos, naturalmente, mas empurrará a todos para um mesmo objetivo: a luta pela terra.

Capitalismo que avança, em regiões periféricas e dependentes, é sinônimo de concentração de renda. Foi o que se deu no México, atingindo – com muita intensidade – o proletariado e as camadas médias (ou classe média) da sociedade.

O desenvolvimento econômico porfiriano, uma vez exigindo a organização de um aparelho de Estado relativamente moderno, exigia – também - a constituição de uma camada média de funcionários públicos. Diferentemente, por exemplo, dos EUA, onde as camadas médias emergiam dos setores ligados diretamente à produção industrial (aristocracia operária), no México, o grosso da classe média era representado por funcionários estatais, sem nos esquecermos, evidentemente, dos comerciantes e profissionais liberais que também representavam parcela importante.

A concentração da renda se dava em benefício sobretudo dos investidores estrangeiros, através de dois mecanismos: taxas elevadas de inflação e novos impostos. Ambos socializavam os prejuízos decorrentes das isenções fiscais dadas aos investidores estrangeiros e das remessas de lucro para o exterior. As veias do México estavam abertas...

Além da concentração da renda, reduziu-se em muito a mobilidade social, elevando-se os descontentamentos.<sup>9</sup>

Atingida pela inflação, pelo aumento de impostos, pelo agravamento das condições de trabalho, pelo desemprego provocado por inovações tecnológicas, pela brutalidade da repressão privada e governamental sobre alguns de seus movimentos, a jovem classe operária mexicana também vai chegar em 1910 disposta a qualquer sacrifício para se livrar de Porfírio Díaz. Alguns de seus setores, como por exemplo os mineiros do Norte, haviam experimentado salários elevados para a média nacional.<sup>10</sup>

Temos, pois, camponeses, proletários do campo e da cidade, pequenos comerciantes, funcionários públicos e classe média em geral chegando a 1910 contaminados pelo espírito da ruptura, e com disposição para fazê-la por quaisquer meios.

Dois outros setores passam também a conspirar para a derrubada do porfirismo: uma fração não hegemônica da classe dominante, representada por Madero<sup>11</sup> e o imperialismo norte-americano<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Lembremos que a maioria da população vivia no campo, e o jovem, e por consequência – inexperiente – proletariado ainda dava os seus primeiros passos na defesa dos seus interesses, contrastando com uma secular experiência – inclusive militar – de luta do campesinato.

<sup>9</sup> “A consolidação das oligarquias regionais, que na virada do século começaram a adicionar o monopólio do poder político a seu controle do poder econômico, também reduziu o espaço disponível para as classes médias. As posições intermediárias nos negócios, serviços e, acima de tudo, nos cargos públicos começaram a ser ocupadas pelos amigos e familiares dessas oligarquias. A pirâmide do monopólio se reproduziu (grifo meu. Concentração de renda e de poder político), e tanto as grandes cidades quanto as pequenas aldeias assistiram ao bloqueio de suas vias de ascensão social, assim como à desagregação das formas mais elementares da vida social”. Ibidem, p.19.

<sup>10</sup> Em 1906, o salário mínimo em Cananea era de dois pesos, contra 0,59 pesos na região central do México.

<sup>11</sup> Poderíamos afirmar que o processo histórico mexicano gerou uma autêntica “burguesia nacional”? Acredito que sim, a julgar pelas forças econômico-sociais que deram sustentação a Madero, cujos interesses se chocavam frontalmente com os do imperialismo norte-americano, por exemplo. Seria, se confirmado,

Com a entrada destes dois últimos atores, a análise sobre o processo revolucionário mexicano atinge alto grau de complexidade. Camponeses, proletários, classes médias, famílias patriarcais alijadas pelo porfirismo e imperialismo yanque, cada qual portando seus interesses específicos e muitas vezes antagônicos, eis aí o quadro dramático em que se viu rodeado Porfírio Díaz. Tudo, no entanto, apontava para a sua queda, que se deu com relativa facilidade.

## PERIODIZAÇÃO

Podemos dividir, para efeito de análise, o processo revolucionário mexicano nos seguintes períodos:

### 1873-1910 – EVOLUÇÃO

*Desenvolvimento, consolidação e decadência do poder político oligárquico  
(governo de Porfírio Díaz)*

São os antecedentes da Revolução.

### 1910-1913 – INÍCIO DA REVOLUÇÃO

*Início da luta contra a oligarquia (governo de Francisco Madero)*

Um dos *slogans* de Madero representava muito bem suas indefinições quanto a possíveis alterações na economia, prendendo-se às questões da esfera política (“O povo não quer pão, mas liberdade”). Ainda assim, uma vez colocando-se como cruzado pela democracia e sobretudo contra a reeleição de Porfírio nas eleições de 1910, Madero vai catalisar o descontentamento de amplos setores revoltados. Vai também atrair as expectativas dos norte-americanos, descontentes com a autodeterminação de Porfírio.

Nas eleições de julho, Madero é preso por “tentativas de rebelião e insulto às autoridades”. Díaz é reeleito. Madero, algumas semanas depois, obtém liberdade condicional. Vai aos EUA e prepara-se para uma insurreição. Esta, por sua vez, faz explodir outras forças, como os levantes de camponeses armados. Em 10 de março de 1911 começa o levante zapatista. Em maio, a Revolução Maderista triunfa. No dia 25, Dom Porfírio assina a sua renúncia.

Aqui se faz necessário alguns comentários. Madero, como representante de uma suposta “burguesia nacional”, não pretende uma nova ordem econômico-social. Era oposição ao governo, não ao sistema. Pretende mexer no leme, mas não se livrar do navio. Neste sentido, é tudo..., menos um revolucionário. Não resolve o problema dos camponeses, dando-lhes terra. Ao proletariado e setores médios oferece-lhes apenas promessas nunca cumpridas. Em paralelo, desmobiliza as guerrilhas maderistas,

---

mais um traço singular da história mexicana em comparação com a dos demais países latino-americanos, cujas burguesias já teriam nascido associadas ao capital estrangeiro, como sócias subalternas.

<sup>12</sup> “1908 foi também um mal ano para as relações com os Estados Unidos porque nesse ano foi criada a companhia petrolífera El Águila, com um exagero de privilégios e apoios oficiais, empresa negociada pelo governo porfirista com o truste de Weetman Pearson (...) da qual um dos principais acionistas era o próprio filho de Díaz. Esta foi a mais alta expressão do projeto de aliança com o capital europeu, britânico neste caso, que os porfiristas julgaram necessário para conter a dominação dos interesses norte-americanos no México. (...) O evidente favoritismo governamental (...) à companhia britânica foi uma declaração de guerra aos poderosos interesses norte-americanos. (...) Friedrich Katz recorda: alguns observadores estavam convencidos de que as maiores reservas mundiais estavam no México. Diante de tão vastas oportunidades, os interesses comerciais norte-americanos no México se mostravam cada vez menos preparados para lidar com a colaboração antinorte-americana do governo Díaz com Pearson, e logo prevaleceu a opinião de que a única maneira de pôr fim àquela colaboração seria através de uma mudança de governo no México”. Ibidem, pp. 28, 29.

reconhece o poder do Exército Federal e adota todo o tipo de medidas preventivas contra possíveis explosões de descontentamento das forças que ora lhe puseram no poder.<sup>13</sup> A queda de sua popularidade foi inexorável<sup>14</sup>.

Os zapatistas (sul do México) condicionam a entrega das armas ao atendimento de suas reivindicações por terras<sup>15</sup>. Vários governadores, inclusive maderistas, resistem à desmobilização de seus exércitos. Há confrontos com as tropas federais. Os dias de Madero estão contados...

Um golpe militar assassina Madero e coloca em seu lugar o general Victoriano Huerta, com o aval dos EUA.

1913 – INÍCIO DA CONTRA-REVOLUÇÃO  
*Assassinato de Madero pelo caudilho Victoriano Huerta,  
ligado aos EUA e interessado na restauração do porfirismo.*

1913-1920 – GUERRA CIVIL  
*“Governo” Venustiano Carranza – antigo latifundiário e ex-senador porfirista  
(1914-1920)<sup>16</sup>.*

---

<sup>13</sup> A associação do “latifúndio” com o imperialismo empurra qualquer movimento popular, nos países periféricos e dependentes, por mais singelas que sejam as suas reivindicações, para uma ruptura com o sistema econômico-social vigente. Qualquer problema nacional não pode ser resolvido sem afetar os interesses do “latifúndio” e, por conseguinte, do imperialismo. Tal é o drama das burguesias “nacionais”: para romperem com o imperialismo precisam do apoio das classes oprimidas, cujas reivindicações não podem ultrapassar os limites dentro dos quais se pretende mantê-las, mandando pelos ares, não apenas o imperialismo e o “latifúndio” mas também a própria “burguesia nacional”, através de medidas radicais de caráter socialista, as únicas que de fato podem dar cabo das misérias do mundo colonial. Todavia, o não alinhamento com as classes oprimidas deixa as “burguesias nacionais” extremamente vulneráveis aos ataques do “latifúndio” e do imperialismo. Por isso, governos como o de Madero, ou o de Carranza (1914-20), na história da América Latina, estiveram sempre condenados ao fracasso, ora derrubados por golpes intestinos, ora pela intervenção estrangeira direta.

<sup>14</sup> “Madero foi eleito presidente em 1º de outubro de 1911 por uma votação esmagadora de 98 por cento dos votos nas eleições mais livres que o México conhecera até então. Em 6 de novembro, ele assumiu o poder e começou a governar sobre uma República democrática, socialmente paralisada, em cuja conflagração viria a perder a vida. [§] Ele já não era o apóstolo universal e incontestado (...). Era um homem que voltara as costas a muitos de seus apoiadores. (...) Tentara chegar a um acordo com o velho regime introduzindo, em seu governo, figuras conservadoras claramente vinculadas à ditadura de Díaz, e não empreendera nenhuma reforma social significativa, esquecendo suas promessas agrárias iniciais. Ao mesmo tempo, a despeito de todas as concessões aos que buscavam a restauração, ele não só não conseguira ganhar a confiança de interesses e grupos empresariais estrangeiros e de burocratas e financistas porfirianos de alto nível como selara seu destino frente a eles como um usurpador, um sonhador louco, um inescrupuloso promotor de seus interesses familiares, que cedo ou tarde teria que pagar pelos seus pecados”. Ibidem, pp. 42, 43.

<sup>15</sup> “Vinte dias apenas após a ascensão ao poder, depois de uma curta mas dura experiência de repressão militar e devastação de suas aldeias e colheitas, as localidades zapatistas adotaram um documento que estabelecia o significado e as metas de sua luta, o Plano de Ayala, e reiniciaram a guerra com aquele outro mundo que, com sutis nuances de diferença, Madero, seus soldados e seus projetos de reforma ainda representavam”. Ibidem, p. 43.

<sup>16</sup> Francamente, é difícil saber exatamente o que pretendia Carranza, quem de fato ele representaria. Para Alvaro Obregón, por exemplo, “Carranza era conservador demais; Villa e Zapata, radicais demais” (Ibidem, p. 71). John Womack já diz o seguinte: “A informação que seus secretários continuamente lhe davam [secretários de Zapata] sobre Carranza confirmavam suas idéias: o Primeiro Chefe nortista, diziam os informantes, era um ‘velho cabrón’ ambicioso e ladrão, cercado de advogados coniventes, indiferentes à miséria e ao sofrimento do povo”. (Ibidem, p. 69). Já Héctor & Lorenzo nos transmitem uma idéia de Carranza como um nacionalista cauteloso: “(...) Carranza (...) era inflexivelmente contrário a qualquer ‘mediação’ ou intervenção estrangeira nos assuntos internos do México. O governo constitucionalista contava com as exigências de alguns chefes, como Alvaro Obregón, cujo primeiro impulso foi declarar guerra aos Estados Unidos” (Ibidem, p. 66).

Huerta é deposto em 14 de agosto de 1914, assumindo Carranza o governo.

Em 1915 há uma definição da guerra civil. Os exércitos de Pancho Villa, representando os camponeses do norte, e de Emiliano Zapata, os camponeses das comunidades de aldeia do sul, são derrotados pelas forças governamentais. Os Estados Unidos reconhecem o governo de Carranza.

As reivindicações dos camponeses não são atendidas. Carranza é um fazendeiro. Quanto aos operários, por exemplo, chega a declarar, em 1º de agosto de 1916, pena de morte para grevistas.<sup>17</sup>

Dissidências militares, rebeliões endêmicas, rompimento das alianças com os camponeses e operários e até mesmo relações hostis com algumas companhias estrangeiras e o governo dos EUA desgastaram Carranza. É assassinado em 21 de maio de 1920.<sup>18</sup>

### 1920-1934 – ACOMODAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Inicia-se com o governo de Alvaro Obregón (1920-1924)

### 1934-1940 – ACELERAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940)

### 1940 – ESTAGNAÇÃO DA REVOLUÇÃO

A partir de Manuel Ávila Camacho (1940-1946), a Revolução torna-se cada vez mais conservadora, estagnando um processo de mudanças sócio-econômicas que, em certo sentido, portava tendências socializantes.

## PROTAGONISTAS

*Breves comentários sobre os principais*<sup>19</sup>

Porfirio Díaz representava os interesses primário-exportadores. Era um entreguista clássico latino-americano. Capitalismo periférico e dependente, em resumo, era o seu projeto. Representava as oligarquias mexicanas mais retrógradas.

Quanto a Madero, Carranza<sup>20</sup> e Obregón, respeitadas as devidas diferenças, trazem em comum a falta de firmeza, sobretudo na relação com os Estados Unidos. Embora, em menor ou maior grau, portassem projetos democrático-burgueses típicos de uma “burguesia nacional”, viveram o drama aqui discutido na nota de rodapé de nº 13.

---

<sup>17</sup> Trata-se de uma greve geral de 90 mil operários no Distrito Federal. Carranza manda o exército dissolver as assembleias operárias e decreta a pena de morte para os operários vinculados a qualquer movimento grevista.

<sup>18</sup> “Não havia nada de muito revolucionário na política econômica doméstica de Carranza. O que ele basicamente tentava era restabelecer as condições do porfiriato em benefício de grandes segmentos da classe alta tradicional do México e de sua burguesia (grifo meu). Carranza pretendia ganhar esses grupos às custas tanto dos interesses comerciais estrangeiros quanto das classes mais baixas da sociedade mexicana, sobre quem deveriam recair os custos da Revolução. Por razões óbvias, teve muito menos dificuldade em impor essa carga aos pobres que aos interesses estrangeiros”. (Ibidem, p. 91; citação de Friedrich Katz.)

<sup>19</sup> Os comentários, bem como todo o presente trabalho, não têm caráter conclusivo. Todavia, acredito útil a expressão mais franca possível de nossas considerações pessoais, processo que pode trazer à tona algumas imprecisões da historiografia, questões não muito bem compreendidas ou a minha própria ignorância.

<sup>20</sup> “Na realidade, o programa de V. Carranza é um programa puramente capitalista: liberação da força de trabalho para alargar o mercado interno; medidas agrárias destinadas a aumentar a produção e o consumo favoráveis à industrialização; controle estatal e privado do solo e do subsolo, dos meios de produção, etc.” Nunes, Américo; *As revoluções do México*; Ed. Perspectiva; São Paulo, 1999; p. 134.

Nenhum deles foi capaz de resolver o problema da falta de terras do campesinato. Não queriam? Não podiam? Não tinham a coragem suficiente para tanto? São questões... Mas a tinham quando se viam na contingência de reprimirem movimentos operários e camponeses.

Lázaro Cárdenas, neste sentido, se difere em muito dos seus antecessores. Foi menos indeciso, mais progressista e nacionalista. Ainda assim, quanto à reforma agrária, há muito sobre o que discutir. *“Inspirado na experiência dos Kolkhozes soviéticos, Cárdenas vai tentar a industrialização do interior por meio da penetração do capital industrial no campo. Cárdenas expropria a propriedade estrangeira e arma os camponeses. Apoiado pela classe camponesa, pelos dirigentes operários (...), leva a Revolução ao seu apogeu”*.<sup>21</sup> O governo norte-americano (Roosevelt), preocupado com as ameaças da Segunda Guerra Mundial, se vê obrigado a aceitar as medidas adotadas por Cárdenas.

Dois protagonistas merecem destaque especial: Pancho Villa e Emiliano Zapata. Tratá-los adequadamente mereceria um trabalho à parte.

Villa, segundo Américo Nunes (op. cit., p.127) *“não é nem um ideólogo, nem um político, mas é arrastado no turbilhão da ideologia e da política. É neste sentido que seu caso é extremamente difícil de ser apreendido”*.<sup>22</sup>

Villa representa a pequena propriedade privada camponesa; Zapata, o que vem antes, ou seja: a propriedade coletiva sobre a terra. Zapata mantém - durante toda a Revolução - uma coerência fantástica! Pretende resolver os problemas de sua comunidade, os camponeses de Morelos, e só. Seu olhar procura o passado perdido da comunidade de aldeia. Talvez, por não ter uma formação cultural influenciada por um ambiente de propriedade privada, o seu pensamento fosse mais simples, mais coerente e, por que não dizer, mais puro. Villa, pelo contrário, expressando a vontade de propriedade – ainda que pequena – da terra, já seria mais “complexo”; ambicioso também, como todo pequeno proprietário... São apenas questões...

## **CARÁTER DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO E CONSEQÜÊNCIAS**

O caráter da Revolução Mexicana, sem dúvidas, é predominantemente burguês. Democrático-burguês, melhor seria. Ou nacional-democrático... Burguês, sem dúvidas; e fortemente pequeno-burguês no período do governo de Obregón.

O fato é que a Revolução Mexicana é paradigmática no sentido de que a incorporação das classes médias na sociedade e no Estado se dá de forma extremamente violenta, ao contrário do que ocorreu nos demais países latino-americanos.<sup>23</sup>

Poderia se ter configurado um caráter diferente se qualquer uma das forças não propriamente burguesas possuíssem um programa capaz de expressar os interesses de toda a sociedade mexicana oprimida e subalterna. Presos a horizontes corporativistas, Villa, Zapata e o jovem proletariado foram – inclusive - incapazes de reconhecer a importância da tomada do poder político, ao alcance das mãos.

Todavia, a Revolução Mexicana rompe com um passado oligárquico, abrindo as portas da América Latina para grandes transformações. Foi o primeiro grande fenômeno

---

<sup>21</sup> Idem, p. 108.

<sup>22</sup> “Na realidade o movimento villista constitui um reagrupamento autêntico de pequenos camponeses do Norte; representa também uma pressão agrarista reforçada por elementos desclassificados (ladrões, desempregados transformados em bandidos, *lumpenproletariat* rural, etc.), uma força caótica, anárquica, confusa, sem ideologia precisa, submetida a um impulso visceral contraditório”. Nunes, Américo, op. cit., p.130.

<sup>23</sup> Afirmação baseada em notas colhidas em sala de aula.

de massas do século XX. Seu radicalismo pode ser visto como resposta - à altura - ao radicalismo com que o regime oligárquico se instalou no México. Nele, apresentou-se com suas características, digamos, clássicas: autoritarismo (ausência no poder de outras forças econômicas e políticas), liberdade total à entrada de capital estrangeiro, concentração de renda e socialização dos custos e prejuízos da montagem e manutenção do sistema a toda população (via inflação e aumento de impostos), ausência total de políticas sociais compensatórias, e emprego sistemático da violência como instrumento de controle social. À brutalidade do sistema oligárquico o México respondeu com uma Revolução igualmente brutal.

A Revolução Mexicana serviu de exemplo para que os demais regimes oligárquicos latino-americanos passassem a ser mais flexíveis com as outras frações da classe dominante (como setores industriais emergentes, por exemplo) e também mais cautelosos com as classes produtoras, admitindo algumas políticas sociais e concessões econômicas bem como configurações mais complexas de repartição do poder político (o Estado Novo no Brasil, p. ex.), evitando a ativação revolucionária dos setores subalternos, e sobretudo oprimidos e marginalizados então presentes em todos os países miseráveis de nossa América.

O espectro da Revolução Mexicana assombrou a América Latina durante todo o século XX. E ainda assombra...

---

## GOVERNOS OLIGÁRQUICOS

(Casos particulares / Relação com a Economia Mundo / Vínculos entre Economia e Sociedade)

As oligarquias latino-americanas apresentaram traços gerais muito semelhantes aos encontrados no caso mexicano, aqui superficialmente estudado. Por exemplo, no México, a concentração da renda se dava sobretudo em benefício dos investidores estrangeiros, via inflação e novos impostos. Estes dois instrumentos, no caso brasileiro, associados a vultosos empréstimos estrangeiros, cumpriam - também - a função de dotar o Estado de recursos disponíveis para a valorização do produto principal de exportação: o café. Mas, abstraindo-nos das especificidades nacionais, podemos dizer que o sentido comum a todos os governos oligárquicos era o mesmo, qual seja: favorecer a acumulação de capital no setor primário-exportador, o que indiretamente beneficiava o imperialismo (via intercâmbio desigual e exploração financeira)<sup>24</sup>, configurando um acordo tácito de interesses econômicos onde quem pagava a conta eram os camponeses, trabalhadores em geral e setores médios da população.

Nestas condições, o tipo de relação estabelecido entre as oligarquias latino-americanas e a Economia Mundo, ou mais precisamente, com o imperialismo, foi o de dependência e subordinação. Somente com o surgimento de novas forças sociais, notadamente aquelas ligadas a um desenvolvimento industrial mais vigoroso das primeiras décadas do século XX (burguesia e proletariado) seria possível alguma fissura neste verdadeiro sistema de exploração neocolonial de tipo oligárquico.

---

<sup>24</sup> “Por volta de 1880, com o progresso de uma economia primária e de exportação, consolidou-se em quase toda a América Latina um novo pacto colonial que substitui aquele imposto pela Espanha e por Portugal. (...) No momento mesmo em que se afirma, o novo pacto colonial começa a modificar-se em sentido favorável à metrópole”. Donghi, Halperin; *HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA*; Paz e Terra; 1975; p.167.



Tomemos, como exemplo, o caso brasileiro. “Até 1930, o Estado brasileiro foi liderado por uma oligarquia<sup>25</sup> agro-comercial, na qual predominavam as elites rurais do nordeste, os plantadores de café de São Paulo e os interesses comerciais exportadores”.<sup>26</sup>

Em 1896, começam a cair os preços do café no mercado mundial. A socialização dos prejuízos, naquela altura, já encontrava seus limites, mantidos os mecanismos tradicionais (mais impostos e inflação). Valorizar o café, era preciso. A solução, viabilizada politicamente com o afastamento do Marechal Floriano Peixoto (1894) e a descentralização federativa consolidada, estava nas mãos dos governos estaduais (diga-se, oligarquias estaduais). Estes, por sua vez, não pensaram duas vezes: para manterem os lucros dos cafeicultores, recorrem a empréstimos externos. “Para efetivar esta política [valorização do café] (...) era indispensável apoio externo. Esse apoio é encontrado no capital financeiro, e a aliança, que antes era tácita, fica estabelecida de modo ostensivo. A partir de 1898, pois, o imperialismo está instalado oficialmente na política do café. A ‘valorização’ se processa à base de empréstimos que, obtidos a alto preço, oneram pesadamente o país”.<sup>27</sup> A dívida externa triplica de 1890 para 1910.

Para pagar tais empréstimos recorre-se a fórmulas clássicas, como a extorsão tributária.<sup>28</sup>

Sem medo de errar, é neste período que nossa dependência externa se consolida. “nada mais se fará sem audiência do imperialismo”, segundo Sodré (op. cit., p. 306).

É incrível a semelhança com o processo mexicano! Veja: “É a fase em que aqueles capitais penetram, encontrando acolhida franca e garantias extensas, para obras portuárias, ferrovias, empresas elétricas, serviços públicos, etc.”<sup>29</sup> Campos Sales e Porfírio Díaz, seguramente, eram companheiros de viagem.

Mais uma vez, a inflação provocada pela emissão desmedida de papel-moeda esmagava os setores médios e populares, concentrando renda.

A “questão social”, no meio urbano, era tratada como “caso de polícia”. No campo, todos os movimentos contestatórios foram brutalmente esmagados.<sup>30</sup>

Como se vê, o caso brasileiro não deixa nada a dever a qualquer oligarquia latino-americana, incluindo a do México.

Autoritarismo, abertura ao capital estrangeiro, socialização dos prejuízos, concentração de renda, ausência de políticas compensatórias, violência como instrumento sistemático de controle social, enfim, estão todos aqui, ou quase todos os vínculos econômico-sociais produzidos por governos latino-americanos oligárquicos.

---

<sup>25</sup> “O termo oligarquia, da forma em que é usado nesta análise, engloba capitalistas com interesses comerciais exportadores, latifundiários e elementos da burguesia agrária, designando o círculo restrito das classes dominantes da República Velha e que ainda eram economicamente poderosos durante a Segunda República”. Dreifuss, René Armand; *1964: A CONQUISTA DO ESTADO – AÇÃO POLÍTICA, PODER E GOLPE DE CLASSE*; Vozes; Rio de Janeiro; 1981; p.38.

<sup>26</sup> Idem, p. 21.

<sup>27</sup> Sodré, Nelson Werneck; *FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL*; Bertrand Brasil; Rio de Janeiro; 1987; p. 304.

<sup>28</sup> “A essa política de associação com o imperialismo, como é natural, deveria corresponder uma extorsão tributária a que o país jamais assistira. *‘Todos nós sabemos, diz um ensaísta, o que foi para o Brasil o quadriênio Campos Sales [1898-1902]. Um verdadeiro cataclismo tributário, sem o mínimo critério econômico, sem uma só consideração dos elevados interesses brasileiros, sem visão de nenhum motivo político ou econômico, sem atender a uma só das reações que resultaria a mais completa rede fiscal que o país jamais conheceu ou experimentara estendida sobre todos os recantos da sua economia [Silvio Romero]’* “. Idem, p. 305.

<sup>29</sup> Sodré, op. cit., p. 306.

<sup>30</sup> Como exemplo, a destruição do arraial de Canudos, no sertão da Bahia, que chegou a reunir 20 mil camponeses marginalizados e mergulhados na mais profunda miséria, comandados pelo beato Antônio Conselheiro. Esta comunidade agrária foi literalmente exterminada pelo exército, numa luta de quase dois anos, em que não foram feitos prisioneiros. Isto em 1897.

## CONCLUSÃO

*La verdad es el todo.  
Hegel*

Uma adequada compreensão do processo histórico que deu forma às oligarquias latino-americanas não pode prescindir da análise – paralela – do processo histórico dos centros metropolitanos sediados na Europa e na América do Norte, sobretudo na época em que o capitalismo, nestas regiões, entrava na sua fase imperialista. Por sua vez, as decisões econômico-políticas de países como França, Inglaterra, Alemanha e EUA, por exemplo, não podem ser compreendidas sem levarmos em conta o que se passava nas áreas coloniais submetidas a cada uma destas potências. Nestas condições, a partir das Grandes Navegações, a história das nações – inexoravelmente – converteu-se numa pequena peça de um quebra-cabeças muito maior, a saber: a história universal.

Na fase imperialista, aqueles capitais acumulados na produção e circulação de mercadorias, uma vez experimentadas as apavorantes crises cíclicas de superprodução, desde o final do século XIX, vão buscar aplicações supostamente mais seguras e de curto prazo. Encontram os bancos, os mercados de ações, de câmbio, a especulação sobre dívidas, etc. Acumulam-se nos bancos. Estes, por sua vez, passadas as crises cíclicas, associam-se com industriais, emprestam-lhes dinheiro a juros, compram ações... Enfim, precariamente resumido, eis aí o capital financeiro. É dele a cara do imperialismo.

São estes capitais sobrantes que serão “exportados” aos países latino-americanos. Neles, encontrarão um aliado seguro e interessado nesta “ajuda”: o “latifúndio”.

Após terem conquistado a “independência”, vencidas as fases de anarquia militar, guerras civis, insurreições populares de toda ordem, crises econômicas, desorganização dos aparelhos estatais, crises políticas, os “latifúndios” entram numa nova fase: incorporarem-se novamente no mercado mundial, que é o que sabem fazer, via exportação de um ou mais produtos primários exigidos agora pelos novos centros industriais.

Mas estão falidos; precisam de capital e de mercados. O imperialismo lhes oferece os dois, dividindo internacionalmente o trabalho, às custas de um liberalismo que converte os territórios latino-americanos em “terra de ninguém”. Aplicam seus capitais em toda sorte de empreendimentos, instalam suas empresas, verdadeiras bombas de sucção de mais-valia<sup>31</sup>; drenam o produto do sangue, do suor e das lágrimas de nossos povos, sem taxas alfandegárias, isentos de tributação, e quando temporariamente vão embora de um ou outro lugar, deixam um rastro de devastação e miséria. Ao abrirem o mercado interno, ampliado pelo emprego do trabalho livre, sufocam os processos pré-industriais<sup>32</sup> em curso, distanciando ainda mais as possibilidades de independência econômica de nossos países.

Herdeiras do antigo sistema colonial (grande propriedade, monocultura e trabalho compulsório), e agora com o poder político, as oligarquias latino-americanas vão se associar ao imperialismo, sem o menor escrúpulo, bitolando a economia de seus países na especialização da produção de poucos artigos primários de exportação, privatizando os lucros e socializando cinicamente os prejuízos.

As sociedades latino-americanas, conformadas no curso deste processo, somado a uma história de domínio de classe secularmente despótico, não poderiam configurar-se senão como sociedades brutalmente autoritárias e excludentes.

Ainda que não tivessem plenamente consciência de todo este complexo sistema de relações, contra tudo isto levantaram-se Pancho Villa e Emiliano Zapata. Seus espíritos ainda rondam a América Latina, exortando-nos a perseguir a obra inacabada. Quando este dia chegar, e chegará..., descansarão em paz.

*Evandro de Oliveira Machado  
Em 10 de novembro de 2004.*

---

<sup>31</sup> A configuração da malha ferroviária mexicana é um exemplo espetacular! Elas partiam dos EUA adentrando o território mexicano em direção à Cidade do México, por exemplo, como se fossem realmente “tubos de sucção”. Através delas, chegavam aos EUA os produtos primários mexicanos (minérios, etc.).

<sup>32</sup> Para uma definição conceitual de “pré-indústria”, ver Beauclair, Geraldo; *RAÍZES DA INDÚSTRIA NO BRASIL*; Studio F&S Editora; Rio de Janeiro; 1992.